

Desenvolvimento tecnológico e transferência de tecnologia

José Adeodato de Souza Neto, vice-presidente da Financiadora de Estudos e Projetos — Finep

José Adeodato de Souza Neto

Parece que o principal mecanismo de promover e estimular o desenvolvimento tecnológico é através do poder de compra do governo, como se faz nos Estados Unidos da América do Norte.

Em outros países, acredito que no caso da França e Inglaterra, por exemplo, o governo tem outras formas de atuação: além do poder de compra ele intervém mais diretamente na economia, aportando recursos subsidiados, como é o caso da Agence Nationale pour la Valorisation de la Recherche —, na França, que pratica a chamada valorização da pesquisa.

Ao longo desses últimos quinze anos, o Brasil fez investimentos relativamente grandes na sua capacitação científica e tecnológica, tanto assim que, de uma hora para outra, nós estávamos em terceiro ou quarto lugar na lista de publicações científicas no Terceiro Mundo e, de repente, passamos para o segundo lugar. Somente a Índia publica mais artigos científicos em revistas nacionais e internacionais do que o Brasil. Passamos, com certeza, a Argentina, que estava na nossa frente, e tenho impressão de que o México também estava na nossa frente. De outro lado, houve grande investimento do lado do setor industrial, em especial na área de máquinas e equipamentos, indústrias de base, etc., que foi resultado de uma política muito bem-planejada e incrementada pelo governo, através do BNDES, que resultou num progresso muito grande.

Entretanto, surge a questão tecnológica. Acho que existe hoje certo vazio entre aquilo que é produzido nas universidades e nas instituições governamentais e paragovernamentais e o setor econômico. Acho que esta é uma outra política que poderia ser praticada com um pouco mais de inteligência, inclusive a Finep, o CNPq, os órgãos responsáveis por isso, têm tomado ações, mas esse filão me parece bastante fértil. Foi dito que a indústria sozinha não pode assumir todo esse ônus de desenvolvimento tecnológico, quer dizer depende de desenvolvimento científico e tem um alto risco, e diria, o instrumento de financiamento com subsídio é um

dos instrumentos; entretanto, essa aproximação de instituições sem fins lucrativos, que desenvolvem pesquisas e que já têm um potencial humano razoavelmente desenvolvido, avançado, será seguramente uma forma de apoio à indústria e não aparecerá como um subsídio, conforme foi mencionado aqui.

De outro lado, gostaria de comentar mais um aspecto que é o seguinte: todo o nosso desenvolvimento econômico foi pautado na substituição de importações. A nossa capacidade imitativa na qualidade de uma economia periférica é bastante grande, ou seja, o que nós fazemos hoje efetivamente tanto em ciência como em tecnologia, salvo algumas exceções, é tentar reproduzir aquilo que está sendo feito nos países desenvolvidos. Então, acho que uma política de mais longo prazo que, seguramente deveria ser implementada, e seria a de incentivar, estimular, a nossa criatividade, lançando no mercado novas técnicas, novos produtos que não necessariamente tenham similares, mas que sejam novos produtos no mercado. E aí eu me refiro ao processo de comunicação entre laboratório e o mercado. Este é um processo de duas vias: seguramente quando a demanda vem do mercado ao laboratório, é um processo gerenciável, ou seja, existem técnicas de gestão, de administração, que lhe permite trazer uma demanda de mercado, levar ao laboratório e voltar com a solução.

O processo reverso, que é o processo de estimular a criatividade e levar ao mercado alguma coisa inovadora, este é um processo mais difícil de gerenciar. Ele tem uma percentagem muito grande de sabor aleatório. Entretanto, é somente através desse mecanismo que se conseguem os grandes avanços, as grandes descobertas; as grandes inovações são efetivamente produzidas inicialmente sem uma aplicação, uma perspectiva. Portanto, acho que as nossas universidades, as nossas instituições de pesquisas, sejam privadas ou públicas, merecem o apoio, para que possam exercer sua criatividade e, conseqüentemente, produzir a inovação ou o grande salto científico ou tecnológico.